

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**A praia da Europa**

Maioria dos candidatos são ilustres desconhecidos e a generalidade dos eleitores deixou que lhes pusessem uma chucha no cérebro e entrassem em modo abstencionista

**João Pedro Martins**

As eleições europeias estão à porta, resta saber quantos portugueses estão dispostos a trocar o sol e a praia, ou a festa do futebol, por uma reflexão profunda sobre a Europa e perceber quanto vale um voto.

O abismo que separa os candidatos ao Parlamento Europeu dos eleitores portugueses parece cada vez mais intransponível. Os 28 estados-membros vão eleger 751 deputados, dos quais apenas 21 representam o voto dos eleitores portugueses.

A maioria dos candidatos são ilustres desconhecidos e a generalidade dos eleitores deixou que lhes pusessem uma chucha no cérebro e entrassem em modo abstencionista.

Se compararmos os mais de seis mil euros livres de impostos que cada deputado europeu recebe no fim do mês com o rendimento de muitos portugueses que são vítimas de desemprego ou de cortes salariais, facilmente encontramos um motivo para o crescimento da abstenção.

A austeridade em nome da troika, onde a Comissão Europeia e o Banco Central Europeu tiveram um papel determinante, fez com que muitos portugueses deixassem de acreditar no projecto europeu como a resposta da democracia e da solidariedade e aparecessem reminiscências de um passado nazi de profunda desigualdade social.

Temos de nos lembrar que anualmente há um milhão de milhões de euros que desaparece na Europa devido à corrupção e à evasão fiscal. Martin Schulz, o candidato do Partido Socialista Europeu à presidência da Comissão Europeia diz que “é altura de os que causaram a crise serem chamados a pagar”. O político alemão defende mesmo que as multinacionais têm de pagar impostos onde os lucros são obtidos e critica a evasão fiscal dos especuladores e multinacionais que

escondem o dinheiro em paraísos fiscais e obrigam os pequenos contribuintes a pagar a factura.

Esta é uma das razões que nos deve fazer reflectir quando votarmos para o Parlamento Europeu e decidir se queremos que o sucessor de Durão Barroso seja o luxemburguês Juncker, que governou um paraíso fiscal, ou o alemão Schulz que promete uma Europa com uma política de transparência e de combate à evasão fiscal.

O economista Thomas Piketty deixou-nos um aviso preocupante: “O fosso entre ricos e pobres ameaça destruir-nos.”

O capitalismo nasceu cego e nunca vai crescer com a visão de igualdade e justiça. A política que nos chega de Bruxelas tem privilegiado os piratas e terroristas fiscais, fazendo que os ricos sejam cada vez mais ricos e vivam à custa do suor dos mais pobres.

Avaliando o desempenho dos 22 deputados portugueses no Parlamento Europeu, é fácil perceber que Elisa Ferreira foi a eurodeputada que mais trabalhou pela transparência fiscal, dando um contributo decisivo, no âmbito da Comissão de Assuntos Económicos e

Monetários (ECON), para que o Parlamento Europeu estabelecesse regras claras de forma a que as grandes empresas de petróleo, gás, minérios e madeira sejam obrigadas a divulgar os pagamentos efectuados a governos, por país e por projecto, sempre que os montantes envolvidos ascendam a 100 mil euros.

É um orgulho ter deputados como Elisa Ferreira que colocou um travão na falta de transparência e na corrupção na indústria extractiva, ou a acutilância de Ana Gomes na defesa dos direitos humanos, ou ainda a irreverência de Marisa Matias no combate aos medicamentos falsificados, ou até mesmo a tenacidade de Rui Tavares na denúncia de um estado ditatorial na Hungria.

As alternativas à austeridade passam pelo voto no próximo dia 25 ou pelo branqueamento numa praia portuguesa. Basta escolher onde queremos ver o sol a brilhar. *Escreve à sexta-feira*

**Voto no próximo dia 25 ou branqueamento numa praia portuguesa?****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO****O elogio de um jornal**

Sou um vulgar consumidor de jornais. Desde muito novo que gosto de jornais. Durante uns anos na minha juventude (entre os 7 e os 15) vivi em Portalegre e, lá pelos meus doze/treze anos, já escrevia pequenas crónicas e notícias em “A Rabeca”, o jornal do revivalho republicano da cidade, mas também em “O Distrito de Portuguesa”, o órgão da diocese local, onde dominava o cónego Anacleto, amigo da família. Escrevia sobre cinema, claro!, mas também sobre teatro, e até uma ou outra notícia ou curta entrevista sobre futebol. Escrever nos jornais era bom (é bom!), mas gostava muito de frequentar as redacções, sobretudo a vetusta redacção de “A Rabeca”, sombria e acolhedora, com o escritório do senhor Casaca bem lá ao fundo, onde ia consultando os jornais que chegavam à redacção e onde, uma vez por outra, o simpático senhor Casaca me oferecia um livro recebido em duplicado. Depois havia as caixas de madeira, com as letras de chumbo com as quais se compunham palavras e frases, o que eu ia aprendendo a fazer. Delicioso. Era um mundo fascinante, que nunca mais abandonei. Quando regressiei a Lisboa, foram os juvenis, da “República” e do “Diário de Lisboa”, a página “Bastidores”, onde o Baptista Bastos me aturava, depois a crítica diária no “Lisboa”, depois no “Diário de Notícias”, e lá fui passando por quase tudo que era jornal. Nunca fui jornalista encartado, mantive sempre a minha condição de colaborador. E leitor. Cheguei a comprar quatro e cinco diários, fora os semanários. Gosto do papel do jornal na mão, do tacto, do cheiro, de folhear, de o trazer na mão (o que não invalida que leia agora também online, mas é outra coisa). Continuo a ler vários jornais, mas o *i* compro-o desde o primeiro número, faz agora cinco anos. Já passou por diversas direcções, durante um tempo afastei-me um pouco, depois voltei. É um jornal de que gosto, pelo tamanho, pela paginação, pelo grafismo, pela forma como habilmente junta pequenas notícias, desenvolvimentos, opinião, mas sobretudo porque me parece um jornal equilibrado. Bem dirigido. Uma vez por outra posso discordar da forma de abordar um tema (o caso Fernando Tordo foi um deles), mas de um modo geral acho um jornal bem feito e com paixão. A pequena equipa que o ergue, de que conheço pessoalmente muito poucos nomes, vive o jornal com paixão, o que se sente quando se lê. Parabéns, e que conte muitos!

Escreve à sexta-feira